

DEMONIZAÇÃO DE OUTRAS DIVINDADES E DOS CULTOS AUTÓCTONES

Armando Rafael Castro Acquaroli¹

Resumo

O presente artigo parte do pressuposto de que há uma pluralidade de conceitos acerca de Deus, de suas manifestações e do modo como se cultua. Isso gera conflitos. Desde a história de Israel é possível perceber como, ao longo de um extenso processo, as divindades de outros povos foram se tornando inimigas da chamada “fé verdadeira”. Perpassando alguns exemplos de deuses que se tornaram deidades malévolas isso fica bem patente. Nesse sentido, o caminho a ser percorrido rumo ao respeito mútuo parece que passa pelos erros da história, a fim de aprender com eles e não repeti-los.

Palavras-chave: *Intolerância. Politeísmo. Demonização. Violência. Inculturação. Jesus Cristo.*

Abstract

This article assumes that there is a plurality of concepts about God, its manifestations and how people worship. This creates conflicts. Since the history of Israel is possible to see how, over a long process, the deities of other peoples were becoming enemies of the “true faith”. Running along some examples of gods who became malevolent deities it is very clear. In this sense, the way to go toward mutual respect seems that passes through the mistakes of history in order to learn from them and not repeat them.

Keywords: *Intolerance. Politeism. Demonization. Violence. Inculturation. Jesus Christ.*

Na realidade em que estamos inseridos não é mais possível falar de uma só religião. Essa é uma frase comum na atualidade. Mas será que em algum momento da história, em alguma civilização longínqua, houve uma só crença, a qual nunca foi ameaçada por outros povos com culturas e deuses diferentes? A história mostra que não. Portanto, a pluralidade religiosa parece que é uma constante desde que o ser humano passou a ter consciência a ponto de cultuar divindades.

1. Armando Rafael Castro Acquaroli é aluno do 3º ano de Teologia no ITESC de Florianópolis, SC.

Nesse sentido, sobretudo ao homem moderno, com todo o desenvolvimento que se realizou do ponto de vista da racionalidade, cultura, ciência, não é mais cabível a intolerância religiosa. É pertinente, entretanto, analisar, ainda que superficialmente, alguns aspectos da história do povo de Deus em que o confronto com o diferente se deu de forma trágica. Isso não impede de extrairmos dessas experiências ensinamentos atuais.

O ringue dos deuses

No território de Canaã havia muitos deuses, conforme se sabe pela arqueologia. Cada clã, ou pequena comunidade, possuía um deus específico que o protegia, auxiliava nas colheitas, defendia contra os inimigos, curava as enfermidades, enfim, atendia as necessidades da população. Ora, como havia alguns conflitos entre os povos, os deuses eram chamados em socorro. Assim, as pequenas lutas humanas tornavam-se guerras entre as divindades. O vencedor só chegava a tal condição devido ao poder que lhe era dado sobrenaturalmente.

Nesse sentido, é compreensível o motivo pelo qual nas mitologias antigas há tantas lutas entre divindades. Para ilustrar, é pertinente o exemplo da Mesopotâmia:

Segundo a tradição dos babilônios, ‘no princípio da criação’, Marduc tinha descido nas águas agitadas do abismo para enfrentar o caos. Estando nas águas, lutou e venceu subjugando o poder inimigo e criando o mundo. Por isso, todo ano, o rei da Babilônia, filho do deus Marduc, imitava a ação do Pai Marduc. Chegando perto do rio, ele entrava nas águas agitadas e, assim, diante do povo em festa reunido junto às margens do rio, ele era a expressão viva da luta vitoriosa da divindade contra o caos ameaçador. Todos o aclamavam: ‘Nosso Deus! Nosso Criador!’”²

Já entre os gregos, cuja principal influência sobre Israel só foi sofrida após a morte de Alexandre Magno, os conflitos são mais constantes. Isso é bem representado na Odisseia e na Ilíada. Nesses clássicos antigos, a rivalidade entre os olímpianos soa bastante “humana”, pois é permeada de intrigas, disfarces, amor, ódio, num misto de comportamentos belos e revoltantes. Cabe destacar a disputa entre Poseidon e Atena pela proteção da cidade:

“[Atena] deusa enfrentou Poseidon, irmão de Zeus e senhor do mar, para conseguir o padronato da Ática. Venceria quem presenteasse os habitantes com a dádiva mais preciosa. Poseidon rasgou então o chão com o seu tridente e dele fez surgir o cavalo, animal maravilhoso, invencível na corri-

2. MESTERS, Carlos. OROFINO, Francisco. *A terra é nossa mãe*. Gênese 1-12. São Leopoldo: CEBI, 2007, 38.

da, poderoso na batalha. Atena, no entanto, saiu-se ainda melhor: bateu no chão com sua lança e dele fez brotar uma plantinha”³.

Tal plantinha, a oliveira, rendeu à deusa o patrocínio da cidade que passou a venerá-la como deusa principal. Desta feita, “quando o homem ateniense temperava com azeite a sua comida, ou ungia o corpo antes de enfrentar uma dura prova, tinha a impressão de entrar de alguma forma em contato com a deusa, de compartilhar a sua força e sabedoria”⁴. Essa é uma etiologia que mostra a solução de um conflito entre divindades feito sem derramamento do sangue de inocentes. Infelizmente, a ideia que perdurou foi a de que os numes porfiam eternamente em defesa de seus “protegidos”.

Os exemplos dessas disputas podem ser multiplicados muitas vezes, estendendo-se ao Egito, Pérsia, Síria... Ora, como Israel nunca esteve fora do mundo que o circunda, mas recebeu muitas de suas influências, as polêmicas divinas também lhe foram imputadas como herança. Na leitura mais superficial da Bíblia aparecem, sobretudo, os deuses cananeus, com quem Yhwh duelava por meio de seus profetas e líderes do povo e, na acepção tradicional, os venciam.

Nesse sentido, foi se formando a ideia de que os deuses dos outros são demônios contra os quais o povo, em nome de Deus, deve lutar. Tais entidades “malignas” tornaram-se piores à medida que o monoteísmo foi se tornando a religião oficial. Em outros termos, as divindades que não correspondiam mais às necessidades das pessoas tornavam-se inimigas da potestade que lhe tomava os poderes.

Israel e os demônios

Vejamos alguns exemplos de demônios antigos:

Se‘irim: Para os antigos judeus, traduzido por “espíritos de bode”, habitam os lugares altos, os desertos, as ruínas. A palavra hebraica *sa‘ir* significa “o peludo” e se refere tanto ao bode como a um demônio popular ou sátiro. Essa é a mesma expressão usada em 2Cr 11,15: “Jeroboão estabeleceu sacerdotes para os lugares altos, para o culto aos sátiros (os peludos) e aos bezerros que ele tinha fabricado”. Em Lv 17,7 há a proibição de sacrifícios aos bodes em vista de que representa um dos deuses subalternos do grande *Azazel*, deus ou temível demônio do deserto⁵.

Azazel: Tal era o nome do *sa‘ir* (deus bode) por excelência entre os *se‘irim* (deuses bodes). Por isso, enviava-se um *sa‘ir* (animal bode) para aplacá-lo, a fim de que não enviasse o ardente vento do deserto que queimaria as plantações e

3. MANFREDI, Valerio M. *Akropolis: a grande epopeia de Atenas*. Tradução Mario Fondelli. Porto Alegre: L&PM; Rio de Janeiro: Rocco, 2010, p. 27.

4. MANFREDI, 2010, p. 28.

5. Cf. QUEVEDO, Oscar G. *Antes que os demônios voltem*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 82.

causaria doenças entre homens e animais⁶. Tal costume, evidentemente ressignificado, ainda perdurou na tradição israelita com o bode expiatório (Lv 16,21).

Daimon: Na literatura grega e na época helenística, *daimon* significa uma divindade inferior. Provavelmente tal palavra procede de *daiomai*, que significa distribuir. Isso porque os deuses distribuían os bens aos homens – estes deuses foram convertidos em anjos – e também as coisas más, convertidas em demônios⁷.

Segundo o primitivo animismo universal, os rios e os vaus tinham alma, isto é, neles habitavam deuses. Eram *daimones*. Assim, por exemplo, para atravessar um rio, primeiro era preciso aplacá-lo com oferendas e dádivas. Em Gn 32,23-30 aparece a história de Jacó que atravessa o vau de Jaboc. Porém, como ele não aplacou o deus torrente, teria de ser castigado: “E um homem (*ish*) lutou com ele até surgir a aurora. Vendo que não o dominava, tocou-lhe na articulação da coxa, e a coxa de Jacó se deslocou enquanto lutava com ele” (Gn 32,25b-26).

Com a saída do sol vem um *daimon* mais poderoso, que afugenta as divindades noturnas. Por isso, o deus da torrente disse: “*Deixa-me ir, pois já rompeu o dia*” (Gn 32,27). Nesse trecho, o deus (*elohim*) é assimilado ao Deus oficial, de sorte que posteriormente tal episódio foi interpretado como uma epifania de YHWH.

Asmodeu: Proveniente da mitologia do Irã. Zaratustra fala frequentemente de *Aesma deva* (corrompido para Asmodeu na Bíblia), a divindade ira ou fúria, o “mais perigoso dos demônios”. Foi recebido em sincretismo com o anjo destruidor (2Sm 24,16; Sb 18,25) e pela semelhança com a raiz hebraica *shamad*, isto é, perder, destruir⁸.

Satã: hipoteticamente teria sua raiz no árabe *shaitan*, que é serpente⁹. Tal expressão poderia ser traduzida por *satanizar*. A LXX geralmente traduz o verbo *štn* por *endiabálo* em grego. Nas línguas vernáculas significa caluniar. Já o substantivo satã, na LXX é o *diábolos*, e significa caluniador ou acusador. O *Mastema*, príncipe dos espíritos dos gigantes, ou chefe dos demônios, é às vezes chamado Satã, devido à raiz equivalente¹⁰.

Os exemplos se estendem muito mais passando por Belial, Lúcifer, Beelzebub, Baal, Leviatã, Etemnu, Namtar, Namastu, Lilitu, Pazuzu... Qualquer tipo de males era atribuído aos demônios, inclusive a dor, para cada qual havia uma deidade do mal. *Alal* agia sobre o peito. *Adad* (rei assírio que depois de morto

6. Cf. QUEVEDO, 1989, p. 83.

7. Cf. QUEVEDO, 1989, p. 261-262.

8. Cf. QUEVEDO, 1989, p. 278.

9. Cf. QUEVEDO, 1989, p. 279.

10. QUEVEDO, 1989, p. 281.

foi divinizado) agia sobre o pescoço. *Gigin* atormentava nos intestinos, *Idpa* a cabeça, reservando-se a frente para *Utug*. As dores nas costas eram provocadas por *Ishtar*¹¹. Aqui fica visível como a superstição, ocasionada pela falta de uma medicina mais acurada, cria justificações para tudo na vida.

Da pluralidade à unidade

Diante do que foi supracitado, é perceptível que Yhwh, o Deus tornado oficial no pós-exílio, foi

Por muito tempo uma divindade entre muitas – no sentido que seus fiéis eram conscientes da existência de outros deuses, todos igualmente existentes e ‘verdadeiros’. O caminho do henoteísmo (um deus para ‘nós’, mas não em absoluto) é percorrido por pelo menos dois motivos. O primeiro é o caráter de ‘deus nacional’ (Yahweh para Israel, como Kemosh para Moab, Milkom para os amonitas e assim por diante) típico do período do Ferro e de derivação tribal. O segundo é impacto com o deus Assur e o imperador assírio, que exige uma fidelidade unívoca, exclusiva. Com a substituição do ‘imperador único’ pelo ‘deus único’ estamos na época de Josias e de suas reformas”¹².

Esse parece ser o caminho para o qual tendem as civilizações à medida que evoluem, isto é, deixam o caráter tribal para trás e se tornam um povo, uma nação. Isso demanda uma centralização maior dos poderes, especialmente do culto. Nesse sentido, o henoteísmo já não atendia mais às “necessidades” das elites que precisavam de mais poder e formas de dominar. Era mister que houvesse um só Deus verdadeiro e que os outros fossem apenas vãos.

Aliás, o Sl 96,5 utiliza um trocadilho curioso. Afirma que os deuses pagãos (*'elohim*) são vãos (*élilim*). Considere-se que a expressão *Élil* possui a conotação de algo insignificante, sem valor¹³. Já a LXX, tendenciosamente, como é típico das traduções, converte a expressão para demônios. Portanto, aqui a demonização da divindade se dá na própria tradução.

Pois bem, com a formação monoteísta não ocorre uma unificação das personalidades divinas, mas sua anulação. Nesse sentido, “renuncia às suas caracterizações distintivas para apontar para uma caracterização global do divino que não pode senão ser de caráter ético. Estamos diante de uma verdadeira reviravolta”¹⁴.

11. QUEVEDO, 1989, p. 312.

12. LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: História antiga de Israel*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2008, p. 256.

13. VV. AA. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. 12.ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2000, p. 11.

14. LIVERANI, 2008, p. 257.

De outra parte, por exemplo, ao analisar a teologia do Império Romano chegou-se a afirmar que:

“a unicidade de Deus como característica própria da fé judaica não deve ser exagerada. A maioria das religiões e dos cultos religiosos antigos da época em questão via um deus supremo no topo da hierarquia divina, e as pessoas de mente mais filosófica facilmente poderiam conceber Deus como único, sendo ‘todos os deuses simplesmente a sua vontade em operação nas várias esferas de ação’. Todavia, dificilmente era a mesma coisa que o monoteísmo radical dos judeus”¹⁵.

Uma grande questão parece ser a de como mostrar que o deus a quem adoro é mais forte, mais verdadeiro, mais real que o outro. Ora, possuir um deus Todo-poderoso dá ao ser humano, em cuja deidade acredita, semelhantes poderes sobre os outros. E isso legitima uma sociedade em que o mais forte reina sobre o mais fraco, sempre apoiando-se na esfera divina. Assim, na Babilônia, por exemplo, o povo questionava-se: “como manter a fé e a esperança em Iahweh, o Deus de Israel, diante dos babilônios, vencedores, e dos prestígios de Marduc, seu deus?”¹⁶

Afunilando a questão

Parece que a situação dos conflitos entre religiões e deuses ainda não foi superada em pleno século XXI, pois no mundo:

No momento, há aproximadamente 30 regiões onde a religião se faz presente de alguma forma no curso dos conflitos. Semanalmente jornais estampam manchetes sobre a violência religiosa. Por exemplo, na sessão internacional de um jornal lemos a seguinte manchete: ‘Grupo hindu faz campanha anticristã’. Na mesma matéria há uma foto com um cristão morto que está sendo arrastado por um manifestante de um grupo religioso. O grupo hindu, que provocou a morte, pede aos cristãos: ‘deixem a Índia’. A luta sangrenta, que envolvia até então dois outros grupos religiosos, passa a envolver os cristãos. (...) outro exemplo de conflito intracristão vem da Irlanda do Norte. No momento há um acordo de paz entre católicos e protestantes. Um dos casos mais violentos aconteceu na Bósnia. A parte muçulmana foi forçada a ingerir bebidas alcoólicas, a comer carne que seu credo proibia, e as mulheres foram violentadas, dificultando com isto sua reinserção na vida familiar. No Tibete, budistas sofrem com as decisões das

15. DUNN, James D.G. *A teologia do apóstolo Paulo*. Tradução Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003, p. 62.

16. BRIEND, Jacques. *Uma leitura do Pentateuco*. Tradução Benôni Lemos. 3.ed. São Paulo: Paulus, 1985, p. 69.

autoridades chinesas, as quais promovem migração e genocídio. O caso dos judeus e palestinos também transcende a questão do espaço geográfico¹⁷.

Os exemplos de tais atrocidades religiosas no mundo podem ser multiplicados muitas vezes, infelizmente. Porém, trazendo um pouco mais para a realidade latino-americana, especificamente o Brasil, a violência se dá em outra esfera: a psicológica. Isso significa que nossa prática não é tão brutal, a ponto de cometer crimes em nome da fé. Nossa iracúndia é mais sutil no confronto com os outros credos.

É claro que não se está negando o passado sombrio que sempre nos interpela. Não há como esquecer o modo como se deram as colonizações dos países latino-americanos, especialmente no Brasil. A fé hispano-portuguesa, herdeira do catolicismo barroco, da cristandade medieval e de muitos de seus princípios estapafúrdios foi crucial para isso. Em nome de um Deus terrível, milhares de pessoas morreram. Tudo isso enquanto se discutia se os índios tinham alma e se poderiam se salvar.

Já os negros não tiveram a mesma sorte. Sobre sua condição sequer se debateu. As melhores iniciativas em favor dos marginalizados de então vieram de alguns poucos padres, especialmente jesuítas, os quais tentaram impor sua fé de modo mais inculturado aos povos conquistados. Aqui “inculturação” é sinônimo de ensinar o catecismo, a decorar as orações tidas como fundamentais, e a renegar os valores de seus ancestrais. Tudo isso porque os conquistadores do novo mundo detinham a verdade e precisavam anunciá-la a todas as criaturas. Pois foi isso que, segundo eles, Jesus mandou em Mc 16,15!

Será? Tal é a vontade de Deus revelado em Jesus, que morreu na cruz por amor à humanidade, que revelou o rosto misericordioso da Pessoa a quem ele tratava carinhosamente de *Abbá*, Pai? Será que estamos diante do mesmo Jesus ao anunciar a violência em nome da fé?

É claro que não se deve fazer um julgamento anacrônico do passado. Talvez para o nível de compreensão dos religiosos da época da colonização, o que foi feito teve a melhor das intenções. Nesse sentido, sua atitude é relativamente justificável. Isso não legitima, porém, que tais erros sejam repetidos hodiernamente.

Intolerância religiosa

Conforme Sigmunt Bauman, hoje vivemos na “modernidade líquida”. Isso significa que nossas crenças, valores, religiões, dogmas, relações... estão em constante mudança. Nada mais é sólido a ponto de permanecer como uma estaca segura na qual se apoiar. Diante disso, a religião, sobretudo de vertente mais tra-

17. BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e Globalização*. 2.ed. São Leopoldo: CEBI; IEPG; Curitiba: PPL, 2006, p. 32-33.

dicional (não só católica), procura afirmar aquilo em que acredita ou se dilui no meio das demais crenças (liberais).

A tendência mais tradicional tende a anular os outros credos de modo ideológico, caracterizando-os como vãos, tolos, ineptos e diabólicos. Essa é uma forma de autoafirmação. Ora, “os conflitos podem surgir com o objetivo de traçar as fronteiras a fim de preservar os valores ameaçados, especialmente em contexto de pobreza”¹⁸. Por conseguinte, enquanto o outro, que é naturalmente diferente, for visto como obstáculo à fé, só haverá guerras.

Por outro lado, uma tentativa de solução desses conflitos é o sincretismo, em que “todos acreditam no mesmo e único Deus”, “é tudo igual”, “não importa a religião”... Tais “gnomas”, porém, são falaciosos, visto que as religiões e igrejas movem-se com princípios fundamentalmente diferentes, com pressupostos antagônicos e crenças bem divergentes.

Dentre as duas tendências citadas a que mais gera violência é a primeira, pois é bastante marcada pela ideologia da “eleição”. Em outros termos, determinado grupo, devido a alguma experiência “mística”, sente que é parte da pequena seita dos “eleitos do Senhor”, fora da qual ninguém consegue se salvar. Isso é muito perigoso. Pode ser considerada até uma patologia, expressa com o neologismo “*veritopatia*”. Quem a possui, pensa ser e ter a Verdade. Tudo que está fora dela está no erro.

Diante de tal diagnóstico, um remédio interessante é o respeito pela crença do outro. É mister que, ao anunciar a mensagem que temos, advinda de nossas crenças, façamo-lo de maneira inculturada. Procurando elementos já existentes na outra cultura, mesmo não sendo expressos da mesma forma, que sejam compatíveis do ponto de vista semântico. Isso mostra que a grandeza de Deus não pode ser abarcada por ninguém, mas ela se manifesta de forma plural, ainda que plenamente revelada em Jesus.

Considerações finais

Sem pretender esgotar o tema, o que seria bastante ousado, percebe-se, à guisa de conclusão, que a demonização das divindades alheias está bem presente hoje. Isso se reflete, sobretudo, no modo como as culturas autóctones são tratadas pelas religiões oficiais, ou de maior tradição, ou de maior poder de influência sobre as pessoas. As acusações são carregadas de preconceitos, chavões, e por uma mentalidade despótica, segundo a qual deve haver uma só religião, uma só forma de crer, uma só manifestação de Deus.

Diante de tal ideologia, é pertinente questionar: onde estão de fato os demônios? Nas crenças dos outros? Ou em nossas cabeças? Talvez estejam nos deuses

18. BOBSIN, 2006, p. 33.

que criamos e os colocamos para duelar com os outros. É preciso uma purificação iconoclástica, a fim de chegarmos ao que é realmente Deus e seu projeto o que não é deus nem dele (demônios). Mas isso não pode ser feito apenas de modo subjetivo, pois há o perigo de cair nos mesmos engodos precedentes. Um bom começo dessa jornada é Jesus de Nazaré, e porque não dizer também um bom fim?

Bibliografia

BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e Globalização*. 2.ed. São Leopoldo: CEBI; IEPG; Curitiba: PPL, 2006.

LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: História antiga de Israel*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2008.

DUNN, James D.G. *A teologia do apóstolo Paulo*. Tradução Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003.

BRIEND, Jacques. *Uma leitura do Pentateuco*. Tradução Benôni Lemos. 3.ed. São Paulo: Paulus, 1985.

QUEVEDO, Oscar G. *Antes que os demônios voltem*. São Paulo: Loyola, 1989.

VV. AA. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. 12.ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2000.

MANFREDI, Valerio M. *Akropolis: a grande epopeia de Atenas*. Tradução Mario Fondelli. Porto Alegre: L&PM; Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

MESTERS, Carlos. OROFINO, Francisco. *A terra é nossa mãe*. Gênesis 1-12. São Leopoldo: CEBI, 2007.

Armando Rafael Castro Acquaroli
Rua Ipiranga, 227 – Centro
88390-000 Barra Velha, SC
E-mail: armandoacquaroli@hotmail.com